

O GARROTE VIL



POR OBRA E GRAÇA DE HINTZE E DE BARJONA!...

A. G. BRAVURA 7009

CHRONICA

O tratado e «El Imparcial»



Dentre as diversas apreciações da imprensa estrangeira acerca do vergonhoso tratado de 20 de agosto—que o sr. Barjona não hesitou negociar, e que o sr. Hintze não hesitou subscrever—a única que sinceramente nos foi cruel e injusta, escripta expressamente para nos deprimir e para nos vexar, foi a do *Imparcial* de Madrid.

Não está na índole d'este semanario, nem a polemica jornalística, nem o artigo grave e circumspecto, soando indignações, como as latas com que nos theatros se fabricam as trovoadas...

Mas como o momento não é dos mais alegres para corações portuguezes, nem tão pouco os assumptos que vão correndo são de molde a provocar gargalhadas; e como nenhum collega da imprensa diaria se deu ao incommodo de responder ao impertinente *Imparcial* de 5 de setembro corrente—vamos nós dar-mo-nos a essa ingrata tarefa... porque é sempre ingrato esgrimir e batalhar contra irmãos.



A doutrina do *Imparcial* é que—os portuguezes expiam outra vez a sua ingratitude para com os hespanhoes, e a sua incuravel obcecção. Presistem em constituir um *Estado independente* n'esta epoca em que a theoria das nacionalidades servio para serzir os desagregados retalhos da Allemanha; n'estes tempos em que os *debeis e ridiculos* Estados da Italia se agruparam em poderosa nação. Não dispõem de elementos para viver por conta propria, e hoje soffrem as consequencias da sua imprevisão egoista.»

Ainda mais.—«Imaginaram que os povos não espiam, como os individuos, os insensatos e vaidosos alardes de soberbia e altivez; julgaram que bastaria a vontade dos castelhanos, andaluzes, valencianos ou aragonezes para que esses povos deixassem de ser hespanhoes; e os que voltaram as costas aos seus irmãos, são agora forçados a supportar as desconsideradas imposições e as implacaveis exigencias da Grã-Bretanha.»

E conclue o *Imparcial* fazendo votos para que seja retardado o momento em que haja uma importante e vasta colonia ingleza en *nuestra amada Peninsula*—porque é escusado ter illusões acerca da attitude e do espirito dos portuguezes.



Ouviram a theoria?...

Portugal não tem elementos proprios para ser um *estado independente*; Portugal é comparado a um dos *retalhos* da velha Allemanha, e a um *debil e ridiculo* Estado da antiga Italia.

Logo, Portugal deve abdicar da sua independencia e deixar-se absorver pela Hespanha, passando a ser *provincia hespanhola*, como é Castella, Andaluza ou Aragão.

Se taes são as vistas do *iberismo* hespanhol; se os hespanhoes consideram a *federación* conforme se lê nas columnas do *Imparcial*; se o *Imparcial* imagina que *federalismo* é *unitarismo*, e que a *federación* *iberica* não seria mais do que a absorção pura e simples de Portugal pela Hespanha—está o *Imparcial* perfeitamente enganado. E o seu artigo, longe de inspirar confiança para uma futura alliança, não faz mais do que cavar um abysmo entre os dois paizes.

Não gostamos de dar lições de historia, muito menos a quem as não pede. Mas quando o *Imparcial* compára Portugal a qualquer provincia hespanhola, e quando nos considera como uma provincia que por um capricho dos seus habitantes e pussilanimidade do Estado se desagregou e se declarou independente,—não podemos deixar de protestar contra semelhante erro historico.

O *Imparcial* ha de comprehender que seria commo explicar como é que em Ourique, em 25 de julho de 1139, se proclamou um rei e a independencia d'um paiz,—e como é que nós habitamos uma terra conquistada aos mouros unicamente á custa de sangue portuguez.

Para nos desagregarmos, teria sido preciso que Portugal tivesse sempre existido como *provincia* de Hespanha, desde o *Minho até aos Algarves*, e sob o dominio e a administração dos hespanhoes. Ora não só toda a terra que pisamos não era *provincia hespanhola* no seculo XII—como tambem n'esse seculo ainda se não sonhava na Hespanha tal como ella hoje politicamente existe.

A razão dos nossos «insensatos y vanidosos alardes de soberbia y alteneria»—como lhe chama o *Imparcial*—está em que nós somos politicamente *portuguezes*, muito antes dos senhores serem politicamente *hespanhoes*!



O *Imparcial* acaba por pedir a Deus que Portugal não venha a ser uma importante e vasta colonia ingleza, en *nuestra amada Peninsula*.

Por outras palavras:—O *Imparcial* considera os portuguezes como um povo com figados sufficientemente avariados, para consentir que os ingleses venham arvorar a sua bandeira no Castello de S. Jorge.

N'este assumpto, é bom não fallar o *Imparcial*. Nós não queremos reviver desgostos aos redactores da folha madrilena, que escreveram o artigo de 5 de setembro n'um momento de infeliz inspiração.

Mas não podemos deixar de lhes lembrar que ainda no seculo passado tivemos um marquez de Pomhal que respondeu ás impertinencias inglezas do modo que todos sabem e que o *Imparcial* não devia ignorar—se é que é nosso irmão, e préza, como bom irmão, as paginas gloriosas da nossa historia.

Nem tão pouco podemos deixar de lhe lembrar que a Hespanha é que soffre o dominio inglez na amada *Peninsula*; que a Hespanha, apesar dos seus 14 milhões d'habitantes, soffre e supporta o dominio inglez em Gibraltar, isto é, o dominio da Inglaterra, não nas suas colonias, como nós tambem ainda o não soffremos, mas dentro do proprio reino, dentro da propria casa, dentro do espaço que a Hespanha occupa na sua amada *Peninsula*!...

Tratem primeiro os redactores do *Imparcial* de pôr—fóra de Gibraltar os inglezes,—e censurem-nos depois, se por acaso consentirmos que os inglezes venham occupar Lisboa, para conseguirem os seus fins maritimos e coloniaes.

Até lá, deixem-se de nos fazer censuras, e não procurem com artigos d'uma arrogancia inexplicavel, arrefecer as relações que seria conveniente—para ambos—estrear entre os dois povos da peninsula.



A Inglaterra ainda não occupou militarmente a nossa provincia de Moçambique,—como traz occupado Gibraltar.

Se essa arbitrariedade se consumir, se essa expliação insultuosa vier a ser uma realidade—hespanhoes e portuguezes deviam-se unir para limpar Gibraltar da nodoa ingleza, e defender a integridade da peninsula.

Mas pelo amor de Deus, senhores redactores do *Imparcial*, não nos considerem como um rebanho de carneiros, sem valor, sem lealdade e sem merito, que só um general hespanhol saberá dirigir para o combate—mas como um povo livre e independente, sabendo bater-se heroicamente ao lado dos seus irmãos de Hespanha.

Amigo *Imparcial*!... Para outra vez seja mais justo, para termos a certeza de que é realmente nosso amigo e tambem nosso irmão!...

MARIANO PINA.

ATTESTADO

Attesto *in fide magistri*,
Porque os uso muitas vezes,
Que os *sabonetes do Congo*
Nada, nada tem d'inglezes.

Sabouria Victor Vaissier, Paris.

Ao inglez

Supplica d'um monarchico

—Larapio: se tens empenho
Em chamar teu ao que é meu,
E me impões com sobrececho
Levar's tudo quanto eu tenho
P'ra fazer's d'isso um museu;

Se essa avides não se ceva,
Não tem descanso, intervallo,
Deixa-me nũ—tal qual Eva—
Leva tudo, leva, leva,
Que eu, tambem, pouco me ralo.

Bapina, usurpa, aliena,
Até que a ambição delivres!
Leva quanto achar's em scena,
Leva o palacio da Pena
E os arcos das aguas livres.

Leva o que houver de mais raro,
Leva tudo quanto topes,
Quanto temos de mais caro,
Leva o proprio Assis de Faro
Leva o patrão Joaquim Lopes.

Leva as tropas com que me armo,
Leva a torre de Belem,
Leva até, se quer's levar-m'o,
O velho museu do Carmo
Co'o Possidonio tambem!

Leva o Arco da Evarista
D'um couraçado a reboque,
E a capella nunca vista
Do Senhor S. João Baptista
Que ha na igreja de S. Roque.

Cerimonias, não me façás!
Leva tudo quanto medral
Leva o cambista Manaças,
Leva os kiosques das praças,
E os velhos frades de pedra.

Leva do grosso e miudo,
Leva do pôdre e do são,
Leva-me os *salsas* de entrudo,
Leva tudo, tudo, tudo,
Leva todos quantos 'stão!

Leva o arco á rua Augusta,
Leva da Estrella o zimborio,
Leva tudo, tudo á justa,
—E até, se isso te não custa
Podes levar o Gregorio...

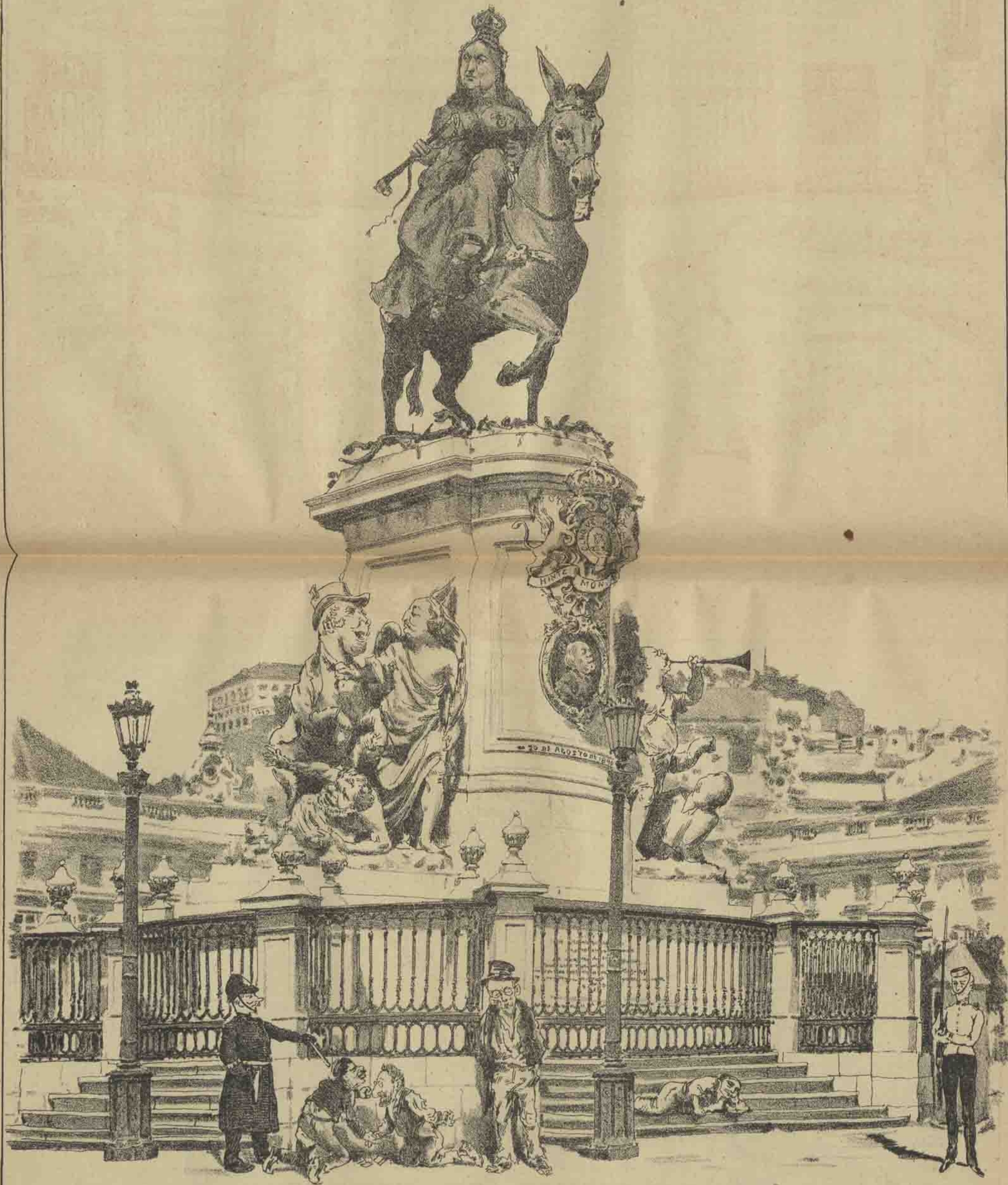
A levar não tenhas pechas,
Que leves, não me arrelia...
É só te imploro, lamechas,
Que deixes ficar—p'ra mechas—
O throno da monarchia!

pela copia
PAN-TARANTULA.



DEPOIS DO TRATADO

A NOVA MEMORIA DO TERREIRO DO PAÇO



RAFAEL BORDALO PINHEIRO.

A historia de Portugal conta hoje dois terramotos--o de 1755, e o de 20 de agosto de 1826. O marquez de Pombal mandou reconstruir uma nova cidade sobre as ruinas da antiga Lisboa. Hoje é necessario fazer obra igual, porque a partir de 20 de agosto a capital portugueza passou a ser uma cidade inglesa. Urge transformar esta lusa terra, n'uma terra excessivamente britannica. Para esse fim ousa.nos offerer ao governo um novo projecto de memoria para o Terreiro do Paço sem de modo algum alterar as linhas geraes da outra memoria que ainda hoje tem o atrevimento de afirmar que fomos um povo digno e respeitado. Assim como o tratado nos deixa uma Africa portugueza, governada por *ingleses*,--assim o nosso projecto tem por fim dotar Lisboa com um monumento que sendo inteiramente *inglês*, nos chega a illudir e a parecer exclusivamente nacional !...

Continuaremos no proximo numero a reconstituição da cidade...

Adagios e proverbios



Hintze és, inglez serás, assim como tratares assim acharás.

Vae-se o bem para o mal, e Moçambique para o inglez.

De Deus vem o bem, e do governo vem o mal.

Em agosto muito tratado e pouco mosto.

Quem se não revoltou em agosto, debulhará com mau rosto.



Que n' tratados semêa, pancadaria colhe.

Ao que assigna taes tratados, nunca lhe faltarão achaques.

Nem sempre o dinheiro de tudo lava, nem de tudo preserva.



Povinho molle em tratada dura, tanto dá, tanto dá, até que fura.

Tratado que é duro de cozer, ainda mais duro é de comer.

Quem comeu a carne, que lhe róa os ossos.

Come Barjona, engordarás; come governo, arre-bentaras.



Nem te mettas com Hintze, nem comas crú, nem andes com pé nú.

Hintze escaldado dr S. Bento tem medo.

Nem te ñes em governo, nem em Villão, nem be-bas agua de charqueirão.



Quando o Povo diz ai, o governo diz, dai!

Quem tratado me armou, n'elle se inforcou.

Ninguem diga, d'este arroyo não beberei.

Mais come o governo de uma lambida, que a na-ção em todo o dia.



O Povo é fogo, o Tratado é estôpa, vem o Diabo, assopra—e adcus governo!...

AFINAL...



DEPOIS DA CASA ROUBADA...



TRANCAS Á PORTA!

M. Augusto Verdallo Fray.

EFFEITOS DO TRATADO



Graças a esse desgraçado tratado, nós entregamos tudo a Sua Desgraciosa Magestade—as nossas tradições, as nossas glórias passadas e presentes, e o que é mais—a nossa dignidade e a nossa honra! Soou para nós a hora suprema! Se a obra dos Hintzes e dos Barjonas se realiza—virá a excomunhão da Historia, e será Portugal posto á margem das nações que se prezam.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO